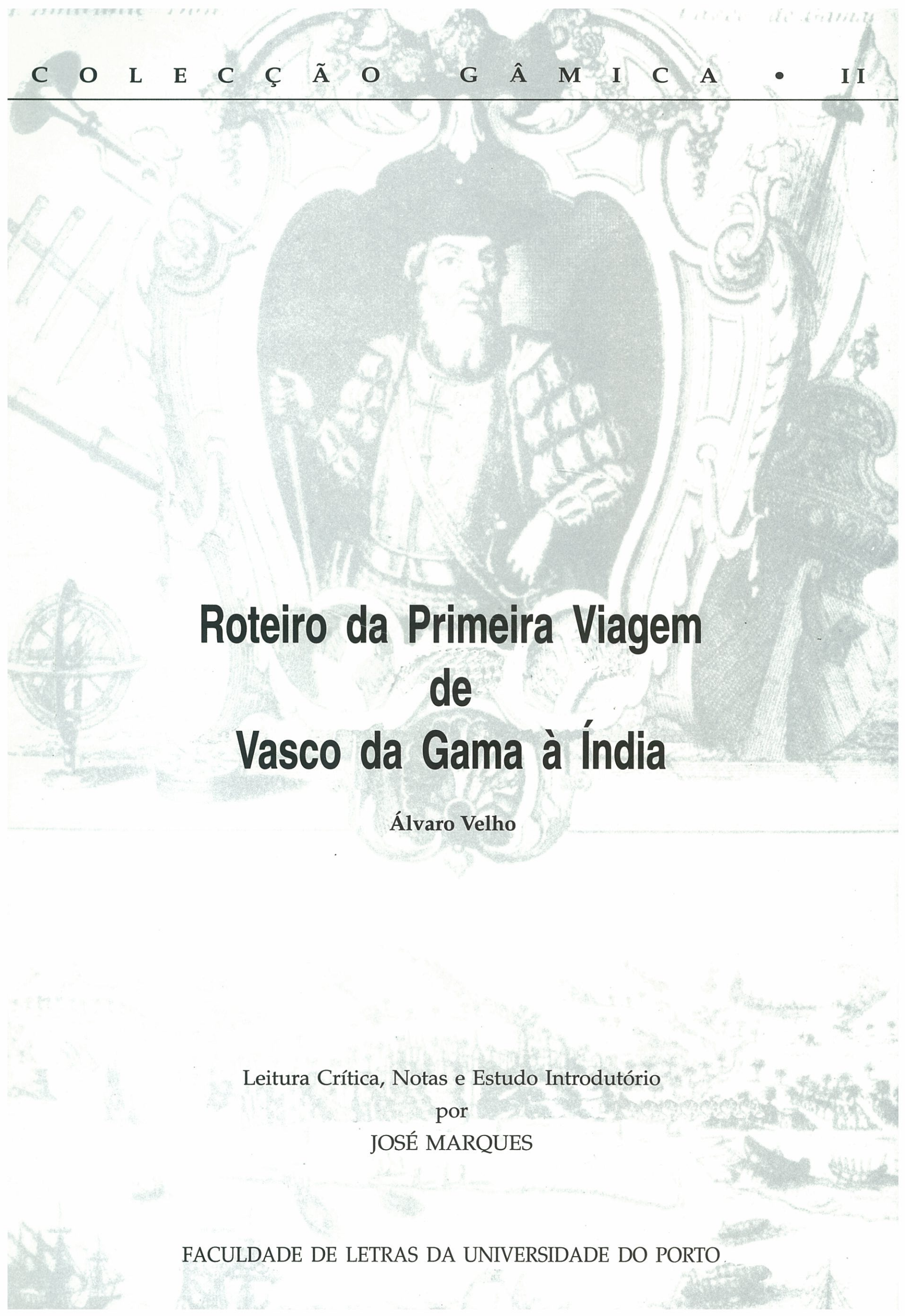




Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia

Álvaro Velho

Leitura Crítica, Notas e Estudo Introdutório
por
JOSÉ MARQUES

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**Roteiro da Primeira Viagem
de
Vasco da Gama à Índia**

Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia

(Álvaro Velho)

Leitura crítica, notas e estudo introdutório

por

José Marques

Professor Catedrático da Faculdade Letras do Porto

Faculdade de Letras do Porto

Porto – 1999

Edição Patrocinada

por



**Caixa Geral
de Depósitos**

Colaboração:



Câmara Municipal do Porto
(cedência do micro-filme e texto
contra entrega de 100 exemplares)

Ficha Técnica

Título:

Roteiro da Primeira Viagem
de Vasco da Gama à Índia

Estudo Introdutório

José Marques

Índices

Fernanda Ribeiro

Capa

Artur Pires

Tiragem

1.000 Exemplares

Depósito Legal

N.º 151611/00

ISBN

972-9350-42-6

© Todos os direitos reservados

Execução Gráfica

Compolito – Artes Gráficas, Lda.
Braga

SUMÁRIO

I – Estudo introdutório

1 – Introdução	9
2 – Projecto	10
3 – Fonte	15
4 – As edições utilizadas	22
5 – A nova versão	25
6 – Conclusão	28

II – Texto do Roteiro 29

III – Fac-simile 133

IV – Índices 227

Estudo Introdutório

1 – Introdução

No contexto dos Descobrimentos Portugueses, a chegada da pequena armada, comandada por Vasco da Gama¹, à Índia, em 1498, e o seu regresso, no ano seguinte², se para os portugueses representaram a conclusão e o pleno êxito do projecto de expansão ultramarina, iniciado havia décadas, para a sociedade e cristandade ocidentais bem se podem equiparar à abertura de uma verdadeira porta para um novo espaço de ponto de encontro e diálogo com povos de raças e culturas muito diferentes, cujas repercussões, aliás, bem conhecidas, não é necessário nem viável sintetizar aqui.

A riqueza deste intercâmbio, a diversos níveis, é tão vasta e diversificada que, não obstante os múltiplos estudos já efectuados e os resultados obtidos, as incalculáveis perspectivas de investigações em aberto transbordarão para além do ciclo das Comemorações em curso.

No imenso horizonte do já realizado e dos projectos actuais e futuros, há, no entanto, um monumento gráfico que, apesar da sua

¹ Esta armada era composta, apenas, por quatro navios: a nau *S. Gabriel*, de 90 toneladas, capitaneada por Vasco da Gama, capitão-mor da armada, com ele seguindo como piloto Pero de Alenquer, que dez anos antes exercera idênticas funções, às ordens de Bartolomeu Dias, quando este navegador passou o cabo da Boa Esperança, levando como mestre Gonçalo Álvares e como escrivão Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias, que acompanhou esta armada até à Mina; a nau *S. Rafael*, também de 90 toneladas, confiada ao comando de Paulo da Gama, irmão do capitão-mor, tendo como piloto João de Coimbra e por escrivão João de Sá; a caravela *Bérrio*, de 50 toneladas, assim chamada porque esse era o nome do proprietário, a quem tinha sido comprada, em Lagos, para a integrar nesta expedição à Índia, sob o comando imediato de Nicolau Coelho, nela seguindo como piloto Pero Escobar, que integraria, anos depois, a armada de Pedro Álvares Cabral, que descobriu o Brasil, e como escrivão Álvaro de Braga; e, finalmente, a *nau dos mantimentos*, sem nome próprio, mas cuja capacidade ascendia a 110 toneladas, que levava por capitão Gonçalo Nunes. Nas quatro embarcações, segundo alguns autores, seguiriam 148 pessoas, enquanto outros fazem subir esse número até às 170. (Cf. COSTA, A. Fontoura da - *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)*, por Álvaro Velho. Prefácio, notas e anexos por..., 3ª edição, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1969, p.103).

² Como datas extremas desta viagem, podemos referir que a partida teve lugar no Restelo, no dia 8 de Julho de 1497, tendo o regresso ocorrido mais de dois anos depois, mercê de circunstâncias bem conhecidas, que fizeram com que Nicolau Coelho chegasse, na *Bérrio*, a Lisboa, em 10 de Julho de 1499, e Vasco da Gama só aportasse nos fins de Agosto ou nos primeiros dias de Setembro desse mesmo ano. (COSTA, A. Fontoura da - *O. c.*, pp. XVIII-XX).

larga difusão, continuará como testemunho e referência inesquecível da histórica viagem, conduzida e protagonizada pelo capitão-mor da armada, Vasco da Gama, avultando também o mérito de Paulo da Gama, seu irmão, de Nicolau Coelho, de Gonçalo Nunes e de muitos outros, que ficaram no silêncio da História.

2 - O projecto

Referimo-nos à única cópia conhecida do relato desta viagem, que coroou o esforço dos portugueses, no descobrimento do caminho marítimo para a Índia, conservada na secção de *Reservados* da Biblioteca Pública Municipal do Porto, para onde veio entre os manuscritos do antigo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, razão por que já aí se encontrava, quando, em 1838, foi publicada, pela primeira vez, por Diogo Köpke e António da Costa Paiva, respectivamente, lentes de Matemática e de Botânica e Agricultura da Academia Politécnica do Porto, sob o título *Roteiro da viagem que em Descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*³.

Desde então, outras edições apareceram, procurando os seus editores literários divulgar este importantíssimo documento, preferencialmente, em condições destinadas a proporcionar maior facilidade de leitura e de acesso ao conteúdo do códice, por vezes, mesmo, com algum sacrifício da realidade gráfica da cópia.

Aproveitando o ciclo das Comemorações do V Centenário dos Descobrimentos Portugueses, o Sr. Dr. Luís Cabral, Director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, detentora de tão importante documento, consciente da mencionada situação editorial, propôs-nos, oportunamente, a preparação de uma nova edição, que, além de proporcionar aos interessados a sua fácil leitura, dentro da maior fidelidade, traduzisse também o máximo respeito pela escrita deste

³ KÖPKE, Diogo e PAIVA, António da Costa - *Roteiro da viagem que em Descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, Porto, 1838.

códice cartáceo, a reproduzir em *fac-simile*, não só para os leitores tomarem contacto visual com a única *cópia simples* que conservou e veiculou a memória circunstanciada desta conturbada viagem, de tão extraordinárias consequências para Portugal e para o relacionamento entre a Europa, as costas de África e o Oriente, mas também para poderem confrontar a leitura apresentada com a realidade do próprio documento.

Ficava, assim, claramente definido o objectivo da proposta desta edição, essencialmente marcado pela intencionalidade de acentuar que a escrita quinhentista em que este documento chegou até nós constitui, em si mesma, um valor que urge preservar⁴.

A concretização deste projecto editorial integra-se, perfeitamente, nas Comemorações do V Centenário da chegada dos portugueses à Índia por mar e, em última instância, podemos afirmar que a sua génese radica no conhecimento de edições, em que a preocupação de facilitar a leitura, para rapidamente se aceder ao polifacetado conteúdo deste importante roteiro, estimulou a prática da actualização da grafia, postergando o valor específico inerente a este monumento escrito.

Quer isto dizer que não pretendemos ocupar-nos dos numerosos aspectos geográficos, marítimos, náuticos, etnográficos, económicos, políticos, sanitários, cronológicos, etc., do roteiro em estudo, mas, essencialmente, apresentar uma transcrição, feita a partir da única cópia quinhentista existente, segundo normas de base internacional, a explicitar mais à frente, que permita a quaisquer leitores compulsá-la sem dificuldades de leitura ou de compreensão, utilizá-la com segurança, e desfrutar do primitivo sabor do relato desta viagem. Teremos, por isso, um objectivo bastante linear, que nos dispensa de transferir para esta edição uma multiplicidade de notas mais ou menos reelaboradas, produzidas

⁴ Embora estivesse inicialmente previsto que esta nova edição do *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia* seria inteiramente da responsabilidade da Biblioteca Pública Municipal do Porto, acabou por ser incluída numa colecção da Faculdade de Letras do Porto, mercê da compreensão e gentileza do Sr. Dr. Luís Cabral, a quem se deve a ideia desta edição e o mérito de haver desencadeado o processo da sua preparação.

pelos diversos autores e especialistas da História dos Descobrimentos, da Náutica e de outros ramos do saber, que se ocuparam deste documento, sob inúmeras perspectivas.

A consecução deste objectivo implicava o confronto da nossa transcrição com algumas edições anteriores, evidenciando, assim, as diferenças das quatro por nós utilizadas no mencionado cotejo, não só em relação à nossa leitura, mas também delas entre si, convindo esclarecer que duas são do século XIX e duas do século XX, como facilmente se verifica pela apresentação que passamos a fazer, por ordem cronológica, das respectivas publicações, precedidas das primeiras letras do alfabeto, na sua forma maiúscula, a que, posteriormente, recorreremos também para identificar essas obras, em notas de rodapé ao texto do *Roteiro*:

A - *Roteiro da viagem que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, segundo um Manuscrito coetaneo existente na Biblioteca Publica Portuense, publicado por Diogo KOPKE, Lente de Matematica na Academia Polytechnica do Porto, e o Dr. Antonio da COSTA PAIVA, Lente de Botanica e Agricultura na mesma Academia, Porto, 1838⁵;

B - *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*. Segunda edição correcta e augmentada de algumas observações principalmente philologicas por A. HERCULANO e o BARÃO DO CASTELO DE PAIVA, Lisboa, MDCCCLXI;

C - *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)* por Álvaro VELHO. Prefácio, notas e anexos por A. FONTOURA DA COSTA, terceira edição, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, MCMLXIX;

⁵ Nas notas do aparato do texto do *Roteiro*, esta e as obras seguintes serão referidas pelas letras maiúsculas que as precedem, seguidas do número das respectivas páginas.

D - *Relação da viagem de Vasco da Gama*. Introdução e notas de Luís de Albuquerque, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação, 1990⁶.

Não ignoramos que o rol de obras seleccionadas para confronto com a nossa leitura e transcrição poderia incluir outras, e talvez não falte quem desejasse ver ampliada à totalidade das edições conhecidas esta análise comparativa. Reconhecemos, porém, que o louvável desejo de exaustividade, nem sempre é exequível ou mesmo conveniente, como a experiência realizada com as quatro obras precedentes nos demonstrou⁷. Um tal alargamento do projecto inicial serviria, não duvidamos, para salientar as diferenças entre as leituras constantes das obras que seria necessário incluir em relação à por nós efectuada, que em nada beneficiaria de tal opção, passando-se, apenas, a dispor de um maior número de variantes em notas de rodapé, susceptível de raiar por uma certa prolixidade.

Como já observámos, a escolha inicial recaiu sobre as quatro edições acima identificadas, sendo as duas primeiras do século XIX e as duas últimas do século XX, com a particularidade de, apesar da distância cronológica que as separa, as edições acima identificadas por **B** e **D** dependerem, respectivamente, de **A** e **C**, podendo anotar que, até 1936, se registam apenas três edições em português, como mais à frente ficará abundantemente comprovado.

Entre os diversos aspectos a salientar nesta breve introdução, impõe-se esclarecer que a opção pelo título *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia* decorreu da necessidade de não

⁶ Quando o cotejo da nossa transcrição com as veiculadas pelas edições aqui referidas estava prestes a terminar, passamos a dispor da obra *Vasco da Gama. O homem, a viagem, a época*, Lisboa, Expo 98, 1997, da autoria de Luís Adão da Fonseca, que, em apêndice, inclui este Roteiro, sob a designação de *Relato directo da viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia*, em versão modernizada de José Pedro Machado e Viriato Campos, que já não foi possível utilizar, no referido cotejo.

⁷ Cumpre-nos agradecer aos nossos mestrands: Maria de Fátima Machado, Teresa de Jesus Rodrigues, Alexandra Maria da Silva Vidal e Fabiano Ferramosca, a preciosa ajuda que nos deram na fase de cotejo da nossa transcrição com as versões constantes das quatro obras utilizadas e acima referidas.

nos desviarmos da conhecida frequência da utilização do termo *roteiro*⁸, sem esquecermos o recurso aos vocábulos *relação*⁹ e *relato*¹⁰, em obras essencialmente constituídas também pela publicação da descrição da primeira viagem do célebre descobridor, por mar, até à Índia. Poderíamos, é certo, socorrer-nos de outros termos, como *Diário*, que, à semelhança dos anteriores, não seria totalmente adequado para traduzir com rigor específico a diversificada riqueza do conteúdo latente neste importante documento¹¹. A dificuldade resulta da completa omissão de um título na cópia que chegou até nós, porque também já faltava no original, o que se coaduna com a prática generalizada nos tempos medievais e ainda corrente em numerosos incunábulos, nos finais do século XV, de não colocar títulos.

A falta de título foi sentida já por alguém que, em boa letra caligráfica da segunda metade do século XVIII ou de centúria seguinte, escreveu no canto superior direito do rosto da primeira folha,

⁸ - *Roteiro da viagem que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, segundo um Manuscrito coetaneo existente na Biblioteca Publica Portuense, publicado por Diogo KOPKE, Lente de Matematica na Academia Polytechnica dpo Porto, e o Dr. Antonio da COSTA PAIVA, Lente de Botanica e Agricultura na mesma Academia, Porto, 1838;

- *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*. Segunda edição correcta e augmentada de algumas observações principalmente philologicas por A. HERCULANO e o BARÃO DO CASTELO DE PAIVA, Lisboa, MDCCCLXI;

- *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)* por Álvaro VELHO. Prefácio, notas e anexos por A. FONTOURA DA COSTA, terceira edição, Lisboa, Agência-geral do Ultramar, MCMLXIX;

⁹ - *Relação da viagem de Vasco da Gama*. Introdução e notas de Luís de Albuquerque, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação, 1990].

¹⁰ - *Relato directo da viagem de Descobrimento do caminho marítimo para a Índia*, in FONSECA Luís Adão da - *Vasco da Gama. O homem, a viagem a época*, Lisboa, Expo 98, 1997, *apêndice*. Trata-se da versão modernizada por José Pedro Machado e Viriato Campos..., Lisboa, Câmara Municipal (Departamento de Cultura), 1969.

¹¹ O problema não é novo, tendo sido abordado por Luís Albuquerque, na tríplice perspectiva de *roteiro*, *diário* e *relação* de viagem, na introdução à sua obra *Relação da viagem de Vasco da Gama*, Lisboa, 1988, p. 6.

N. B. – Atendendo a que os títulos de algumas das obras citadas nas notas precedentes são praticamente iguais ou muito semelhantes, a fim de evitarmos possíveis equívocos, decorrentes de referências abreviadas, optámos por introduzir as referências bibliográficas pelos nomes dos autores responsáveis pelo prólogo, prefácio e introdução das respectivas edições literárias, tomando-os, por extensão de sentido e para este efeito, como autores.

em jeito de título revelador do conteúdo deste documento: - «*Descobrimiento da India por Vasco da Gama*».

3 - A fonte

Feitas estas observações, impõe-se acrescentar algumas notas sobre a própria fonte, que, não sendo original, mas uma cópia simples, é o único exemplar de que dispomos, circunstância que não deixa grande margem para qualquer eventual reconstituição do texto, nem para a dilucidação de outras questões que, necessariamente, se levantam. Apesar disso, o facto de ser o *único elo* conhecido da cadeia da *tradição* deste notável documento, sem perder o estatuto de *cópia*, que é, não podemos ignorar que, de certo modo e globalmente, se alcandora à posição de válido substituto do original, não obstante as inevitáveis alterações de grafia, erros e conhecidos acréscimos.

Passemos, por isso e antes de mais, à sua descrição codicológica sumária.

3.1 - Breve descrição codicológica

Trata-se de um códice cartáceo, em papel relativamente consistente, com as dimensões de 287^{mm} x 205^{mm}, munido de folhas de guarda, no princípio e no fim, estando escrito no rosto da inicial - em cuja parte superior foram inutilizadas, a tinta, duas linhas completas e o início da terceira -, em letra bastante mais tardia: «*Joham Theotonio*» e, um pouco mais abaixo, disposta em três linhas, «*Relação do descobrimento / da India / por Vasco da Gama*».

Este importante códice é constituído pela única cópia conhecida do relato da viagem em que o referido capitão-mor, Vasco da Gama, foi percorrendo e descobrindo a última etapa do caminho marítimo para a Índia, e conserva-se no fundo de *Reservados* da Biblioteca Pública do Porto, onde tem o nº 804, aposto no canto superior esquerdo da folha 1, podendo ler-se, imediatamente por baixo deste número, o nome abreviado de «*C. Araújo*».

A sua estrutura física é muito irregular, integrada por três cadernos e três folhas avulsas, acrescentadas no fim, à medida que se iam tornando necessárias para incluir todo o texto a copiar. Os três cadernos deste códice são constituídos, respectivamente, por 6, 6 e 9 bifólios e três folhas acrescentadas na parte final. O conjunto é protegido por uma folha, de guarda no início e outra no fim, partes integrantes de um bifólio em que foram introduzidos os cadernos e as folhas descritas.

A observação directa do documento revela que, inicialmente, recebeu uma foliação, aposta no canto superior direito do rosto das folhas, em numeração árabe, contínua de 1 a 44, tendo ficado em aberto a numeração dos respectivos versos das folhas. Posteriormente, a partir da fl.2v, alguém iniciou o processo de transformação da foliação em paginação, que prosseguiu até à página 88. Não obstante, em alguns casos, os números da paginação estarem sobrepostos aos da foliação, em geral, é perfeitamente visível a convivência dos dois sistemas, que empregavam a numeração árabe.

Na preparação do texto do *Roteiro*, que agora divulgamos, preferimos seguir a foliação por ser o processo que remonta à data da elaboração do próprio manuscrito, tendo optado por inserir no texto, entre parêntesis curvos, a numeração correspondente, podendo acontecer de cair no meio de algumas palavras, dispensando-lhe, então, o tratamento usual em tais situações.

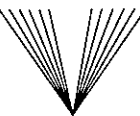
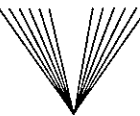
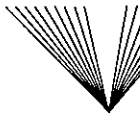
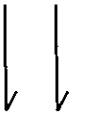
Pela rápida observação do manuscrito ficamos a saber que não houve qualquer tentativa de *empaginação*, tendo o texto sido copiado sem qualquer plano prévio de armação da página, como decorre da irregularidade do número de linhas por página e da inexistência de qualquer margem do lado da goteira, isto é, do lado direito das páginas, chegando, com frequência, o texto ao extremo da linha. Apesar da irregularidade do número de linhas por página, verifica-se que, nas páginas mais densas, a tendência é para o predomínio de 28 ou 29 linhas.

Quanto ao aproveitamento das páginas, nota-se que ao longo do texto do *Roteiro*, apenas na fl. 9r (p. 17) ficou em branco o espaço correspondente a treze linhas, não se registando, no entanto, qualquer interrupção do texto, e que, após o termo do *Roteiro*, a

fl. 40r (p. 79) ficou em branco pouco mais de meia página, encontrando-se totalmente em branco a fl. 40v (p. 80).

Os apêndices iniciam-se na fl. 41 (p. 81) e continuam até à fl. 44 (p. 87), que só tem cinco linhas escritas.

A descrição que acabamos de fazer pode visualizar-se, parcialmente, no seguinte esquema-quadro:

Fl. de guarda	Cadernos			Folhas avulsas	Fl. de guarda
	1.º	2.º	3.º	1.ª - 2.ª - 3.ª	
					
Foliação	1-12	13-24	25-42	43 - 44 - 45	-
Paginação	1-24	25-48	49-84	85-86 87-88 89-90	-

O conjunto dos cadernos e folhas descrito está separado da capa, constituída por uma folha de pergaminho de um livro litúrgico, com notação musical sobre pauta de cinco linhas. Por sua vez, o reduzido texto que ostenta e é possível ler, contém as rubricas, a vermelho, e o texto litúrgico propriamente dito, em tinta tão esbatida, que se aproxima da cor sépia.

No exterior da capa, lê-se:

– « *I. Psalmus: Dominus illumina.*

Versus - Dirige nos Dominus per angelum tuum.

Responsorium - Quoniam tu es Salvator noster».

E imediatamente a seguir:

Responsorium - IIII.

No exterior da contracapa, ao fundo, há uma letra maiúscula miniada, que, apesar de estar truncada, parece ser um Q, com a letra i inclusa.

No interior da capa, lê-se: «nocuerunt mihi. / Misit Do[minus]...».

O M inicial de *Misit* é profundamente entrançado e, num dos espaços circulares criados, contém, inclusa, a abreviatura *V(ersus)*, a vermelho.

3.2. - Autoria

Sem perdermos de vista que estamos perante uma cópia, é legítimo perguntar quem terá sido o autor do relato desta viagem, cujas vicissitudes compartilhou. A questão tem-se posto e na resposta não se tem ido muito além da proposta conjectural, apresentada por Diogo Köpke e António da Costa Paiva, autores do *prólogo* e editores literários da primeira edição deste *Roteiro*, os quais, após algumas deduções e tentativas de cotejo de duas passagens desta descrição anónima com outras da *História de Descobrimento da Índia...*, de Fernão Lopes de Castanheda e outras tantas exclusões de hipotéticos autores - incluindo Diogo Dias, escrivão de Vasco da Gama, João de Sá, que exercia idênticas funções, ao serviço de Paulo da Gama, Álvaro de Braga, escrivão de Nicolau Coelho, e o próprio Gonçalo Pires, cuja alteridade o anónimo autor do *Roteiro* exprime de forma inequívoca - se limitaram a admitir a tímida hipótese de a discutida autoria recair em Álvaro Velho, escrevendo: - «*Desta forma resta-nos Alvaro Velho, que mui bem podemos suspeitar ser o Auctor da Relação que publicamos*»¹².

Os próprios Köpke e Costa Paiva reconhecem a tenuidade e fragilidade da argumentação. Com segurança, pode dizer-se que o autor foi um dos participantes nesta pequena armada, constituída apenas por quatro navios, a que ainda nos vamos referir, conhecedor das artes da marinharia, e que foi um dos acompanhantes de Vasco da Gama na visita ao Samorim. E também não é menos frágil a hipótese desta atribuição a Álvaro Velho, natural do Barreiro, através da detecção de uma pretensa similitude, apontada pelo autor, entre Alcochete e uma povoação africana, sita em frente a Melinde¹³. Pretendem outros reforçar esta atribuição com o facto de a descrição da viagem terminar, de forma abrupta e inesperada, com a notícia da chegada aos baixos do Rio Grande, numa quinta-feira, dia 25 de Abril de 1499. Como explicação da interrupção deste relato aduzem que Álvaro Velho, por razões absolutamente desconhecidas, ficou em terra, quando a nau São Gabriel e a caravela

¹² KÖPKE, Diogo e PAIVA, António da Costa - *O. c.*, pp. XIV - XVIII.

¹³ COSTA, A. Fontoura da - *O. c.*, p. XVI.

Bérrio - as duas embarcações a que estava reduzida a armada, inicialmente constituída por quatro – partiram dos referidos Baixos do Rio Grande, e por lá sobreviveu até à primeira metade do ano de 1507. Durante esses oito anos fez a descrição da costa, ao sul do rio Gâmbia, aproveitada, depois, por Valentim Fernandes¹⁴.

Embora a explicação pareça coerente – se é que se trata do autor do *Roteiro* – teremos de admitir que o manuscrito veio na embarcação para que o mencionado Álvaro Velho se havia transferido, após a destruição do São Rafael, ignorando-se se chegou a ser divulgado, na sua ausência, depois de, eventualmente, ter sido utilizado para minuciosa informação do monarca.

A convicção de que a autoria pertence a Álvaro Velho parece querer consolidar-se pelo desconhecimento de qualquer recompensa a ele atribuída pelo *Venturoso*, que galardoou outros sobreviventes desta histórica viagem, omissão régia, justificada pela ausência do presumível autor em terras da Guiné e da Gâmbia¹⁵.

Apesar dos contributos aduzidos, a partir dos escassos elementos disponíveis e da coerência com que os mesmos são utilizados, não é difícil reconhecer a sua própria fragilidade, bem como a da conclusão que, de algum modo, suportam. Mesmo assim, enquanto não for demonstrado, de forma iniludível, que a autoria deste *Roteiro* pertence a outrém, continuaremos a considerar Álvaro Velho como o autor deste notável documento da expansão ultramarina portuguesa.

3.3 - Data

O facto de estarmos confrontados apenas com uma cópia simples do relato da primeira viagem de Vasco da Gama para a Índia não pode inibir-nos de abordarmos também o problema da sua data e de tentarmos situar cronologicamente a única cópia existente.

Em relação à data do original, se admitirmos que o seu autor é Álvaro Velho, que interrompeu a elaboração do seu relato pelo facto de, na última etapa da viagem de regresso, do rio Grande até

¹⁴ IDEM- *O. c.*, pp. XVIII-XX

¹⁵ IDEM - *O. c.*, p. XX.

Lisboa, ter deixado de acompanhar os dois navios a que estava reduzida a armada inicial, teremos de admitir que não é fácil atribuir-lhe uma data exacta, porque o texto terá sido redigido ao ritmo das vicissitudes desta verdadeira aventura marítima, como a sucessão dos numerosos *itens* que a integram e a própria cronologia dos acontecimentos, com frequência nela registada de forma vaga, através da simples menção dos dias da semana, permitem admitir. Nestas circunstâncias, não será temerário afirmar que o autor cedo perdeu o controlo sobre o texto que foi redigindo até chegar aos Baixos do Rio Grande. Desde aí, já não é por este *Roteiro* que sabemos da chegada de Nicolau Coelho, no comando da Bérrio, à barra de Lisboa, em 10 de Julho de 1499, nem do regresso tardio de Vasco da Gama. Com efeito, o capitão-mor da armada, ao chegar à ilha de S. Tiago, tendo deparado com o grave estado de saúde de seu irmão, Paulo da Gama, confiou o comando da São Gabriel a João de Sá, e fretou uma caravela a fim de o trazer o irmão rapidamente para Portugal. Porém, tendo-se agravado o estado de saúde de Paulo da Gama, viu-se obrigado a aportar à ilha Terceira, onde lhe assistiu aos últimos momentos e deu condigna sepultura. Estas circunstâncias retardaram a sua partida para Lisboa, onde chegou nos finais de Agosto ou nos primeiros dias de Setembro, tendo sido solenemente recebido pela Corte, não tendo faltado também, na cidade, festas religiosas e populares, repetidas em lugares importantes do Reino¹⁶.

Diferente, embora igualmente impreciso, é o problema da datação da única cópia existente, privada também de qualquer indicação alusiva ao momento da sua execução, restando, por isso, a análise paleográfica como único suporte para a atribuição de uma data crítica. Foi esse, de resto, o caminho seguido por Diogo Köpke e Costa Paiva no prólogo da 1ª edição, de 1838, que, depois de terem justificado que o documento conservado na Biblioteca Municipal do Porto não é original, mas sim uma cópia, realizada em momento não muito distante do termo desta viagem de extraordi-

¹⁶ HERCULANO, Alexandre e CASTELO DE PAIVA, Barão de - *O. c.*, pp. XLII-XLIII.

nário alcance para a História da Humanidade, escreveram textualmente: - «*Apesar de copia o Manuscrito, contudo, mostra pelo talho e caracter da letra não ser posterior aos começos do século 16º; do que o Leitor perito se pode certificar pela inspecção de facsimile das primeiras linhas, que apresentamos em estampa no fim deste Prologo*»¹⁷.

A importância da Paleografia para o estudo crítico dos diplomas ficou consagrada, há muito, no *De re diplomatica*, de D. Jean Mabillon¹⁸, mas é sabido que, no plano da datação, o recurso a este processo obriga a perspectivar uma margem de oscilação de algumas dezenas de anos, pelo que a data desta cópia poderá ser bastante mais tardia e aproximar-se, mesmo, dos meados do século, opinião admitida, de forma mais peremptória, na edição de Luís Albuquerque¹⁹.

3.4 - Conteúdo

Conforme anunciámos, não faz parte do nosso projecto traçar uma síntese do conteúdo deste *Roteiro*, até porque uma tentativa de síntese seria de tal modo lacunar que só desvalorizaria a imagem do texto no seu conjunto e valor intrínseco. Gostaríamos, contudo de anotar, que do percurso marítimo de Lisboa até ao ponto onde, uma década antes, tinha chegado Bartolomeu Dias, que, em 1497, acompanhou a armada de Vasco da Gama até à Mina, o capitão-mor ia bem informado, podendo dizer-se que os problemas surgidos durante esta parte da viagem não eram totalmente estranhos aos navegadores portugueses. Na parte do Índico ainda desconhecida e, sobretudo, a partir de Mombaça, é que surgiram situações graves, essencialmente, devido às frequentes traições que foram detectando lhes estarem preparadas, atingindo o ponto culminante o perigo iminente de morte em que encontraram, após a despedida do Samorim, merecendo referência a coragem, firmeza e estratégia do

¹⁷ KÖPKE, Diogo e PAIVA, António da Costa - *O. c.*, p. VII.

¹⁸ MABILLON, Jean - *De re diplomatica libri VI*, (1.ª ed., 1681) 3.ª ed., tomus I, Neapoli, Ex Typographia Vincentii Ursini, 1789, pp. 46-55.

¹⁹ ALBUQUERQUE, Luís de - *O. c.*, p. 3.

capitão-mor, não só para aguentar o ânimo dos companheiros de infortúnio, mas também para conseguir o resgate dos portugueses tomados como reféns. E nem lhes faltou a visita de um espião estrangeiro, a tentativa de ataque aos navios, o repetido surto de escorbuto e outras contrariedades a condimentar esta longa e conturbada viagem, que teve uma repercussão incalculável à escala do mundo de então, nos planos económico, científico, mental, religioso, etc.

3.5 - Os apêndices

Este códice é ocupado quase totalmente pelo *Roteiro*, estando algumas das suas páginas finais preenchidas com breves referências a alguns reinos orientais e com listas de preços correntes das mercadorias de maior interesse para os portugueses, ou certas particularidades de alguns deles, a começar pelo de Calecute, seguindo-se-lhe os de Coleu, Caell, Chomandarla, Ceilão, Samatarra, Xarnauz, Tenacar, Bengala, Malaca, Pegu, Bengala Conimata, Pater, não faltando sequer uma lista dos preços das especiarias em Alexandria, nomeadamente da canela, cravo, gengibre noz moscada, laca, incenso, etc. Por fim, deparamos com uma primeira lista de termos portugueses com a correspondente versão na linguagem de Calecute.

Segundo Fontoura da Costa, as informações constantes das relações dos preços foram transmitidas a Álvaro Velho por Gaspar da Gama, durante o regresso da Índia, esclarecendo quanto aos termos do vocabulário, colocado mesmo no final do manuscrito, que foram recolhidos pelo próprio Álvaro Velho, directamente dos índios que Vasco da Gama trouxe de Calecute.

Independentemente do rigor com que tenha sido transcrita a fonética dos vocábulos, é de notar a preocupação de criar instrumentos que pudessem facilitar a compreensão em ulteriores contactos.

4 - As edições utilizadas

Antes de terminarmos esta breve introdução, convém deixar uma palavra sobre as quatro edições utilizadas no cotejo com a

nossa leitura e como fontes de algumas das considerações aqui expostas.

Como dissemos, a 2ª edição, da responsabilidade de Alexandre Herculano e do Barão do Castelo de Paiva (**B**), depende, claramente, da primeira (**A**), o que não admira, dado que um dos seus responsáveis continuou a ser António da Costa Paiva, agora, sob o título de Barão do Castelo de Paiva, que, juntamente com Diogo Köpke, foi um dos signatários da 1ª edição deste importante documento, seja qual for a designação que se lhe atribua. Isso explica que Alexandre Herculano tivesse optado por reproduzir o *Prólogo* da primeira edição, apenas com ligeiras correcções, de que faz expressa menção, sem dúvida, com o consentimento do seu co-editor literário, ao escrever «*procurámos expurgar dos defeitos da primeira edição tanto o texto como as notas, defeitos filhos da inexperiência dos editores e da sua impaciencia em darem á luz, no meio de difficuldades de mais de um genero, tão precioso monumento historico*»²⁰. Em relação ao texto, houve algumas correcções de natureza paleográfica, de que as notas de rodapé da nossa transcrição fazem oportuna e devida menção, que o nosso Historiador poderia ter levado mais além. Assim, a mero título de exemplo, verifica-se que tendo iniciado a correcção da insuficiente leitura de Köpke da palavra *xrstaãos*, numerosas vezes repetida, ao longo do texto da 1ª edição, nas suas diversas variantes, por *christaãos*, o mesmo acontecendo em palavras com a mesma raiz, a partir de certa altura, voltou às formas e variantes de *xrstam* e *xrstãoos*²¹, utilizadas por Köpke, a menos que se possam explicar como lapsos ocorridos na revisão inicial.

O cotejo destas duas edições entre si revela situações curiosas e difíceis de compreender. Com efeito, embora na edição de Köpke predominem as formas *xrstam* e *xrstãoos*, na parte final do *Roteiro* propriamente dito, já deparamos com vários casos de desdobramento mais evoluído das palavras em causa: *cristam*, *christãoos*, *christãoo*²², situação que se generaliza na transcrição dos apêndices

²⁰ KÖPKE, Diogo e PAIVA, António da Costa - *O. c.*, pp. V-VI.

²¹ HERCULANO, A. e CASTELO DE PAIVA, Barão de - *O. c.*, pp. 66, 80, 91, 92, 96, etc.

²² KÖPKE, Diogo e PAIVA, António da Costa - *O. c.*, pp. 91,

do códice²³ e nos permite afirmar que nenhum destes dois autores conservou uma atitude uniforme ao longo da respectiva edição.

E se é estranho que Herculano não tenha desdobrado a sigla .s., correspondente a *scilicet*, em latim, e *convem a saber* ou apenas *a saber*, em português²⁴, não o é menos que tenha aumentado a confusão quanto ao uso de *i* e *j*, anunciando o seu indistinto uso, ao contrário do que acontecia na edição de Köpke²⁵.

Não obstante as citadas palavras do nosso grande historiador, a quem ficamos a dever também o lançamento dos *Portugaliae Monumenta Historica*, temos de reconhecer que o *Prologo* da 1ª edição, preparada por Köpke e A. Costa Paiva, nomeadamente, em relação à atribuição da autoria do original do *Roteiro* a Álvaro Velho, continua a ser a fonte que a todos abastece. O próprio A. Fontoura da Costa, além de o citar no *Preâmbulo* da 1ª.²⁶ edição da sua obra, aliás, repetido também na 3ª., que utilizamos, fez preceder o texto da cópia, em grafia actualizada, do título do frontispício da edição de Köpke, de 1838: *Roteiro da viagem que em descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, o que revela a influência que a 1ª. edição do texto continuava a exercer.

A publicação de Fontoura da Costa, destinada a um público muito vasto, cuja procura a levou à 3ª edição, em 1969, além de se apresentar em linguagem actualizada, que, por vezes, implicou a substituição de algumas palavras, visava, essencialmente, conduzir os leitores ao encontro do conteúdo do texto, em que foi intercalando abundantes e esclarecedoras notas, convindo salientar a preocupação que o levou a indicar, entre colchetes rectos, a correspondência dos dias da semana, isoladamente referidos no texto, aos dias dos meses, intervenção

²³ IDEM - *O. c.*, pp. 108, 109, 110, 111, 112 e 113.

²⁴ HERCULANO, A. e CASTELO DE PAIVA, Barão de - *O. c.*, p. 90.

²⁵ IDEM - *O. c.*, p. VI.

²⁶ Esta 1ª edição da obra de A. Fontoura da Costa corresponde à 4ª. edição portuguesa do texto do *Roteiro*, tendo sido precedida pelas de Köpke (1838), Herculano (1861), A. B. de Bragança Pereira (1936). (Cf. FONTOURA DA COSTA, A. - *O. c.*, pp. XXI-XXII).

utilíssima, mesmo que tenha havido algum lapso eventual. Estas informações cronológicas permitem acompanhar melhor os progressos da armada do Gama, no caminho da Índia, e delas nos servimos na preparação do nosso texto, embora colocando-as em rodapé.

Por sua vez, Luís Albuquerque, na *Relação da viagem de Vasco da Gama*, publicada em 1988, centrou a sua atenção no texto da viagem propriamente dita, até à suspensão do seu relato, já no regresso, à chegada ao Rio Grande, tendo eliminado os apêndices sobre os reinos orientais, preços das especiarias e vocabulário malaio, acima referidos. Embora não explicita o objectivo primário da sua edição, é evidente que ela se enquadra num projecto pedagógico de ampla divulgação desta histórica viagem, como sugere a abundante ilustração do texto com gravuras de mapas, diferentes tipos de navios, instrumentos náuticos, demonstrações dos seus usos e diversos retratos de Vasco da Gama. Isso explica, em nosso entender, as substituições de palavras e expressões, mais numerosas na sua edição do que na de Fontoura da Costa, de que comprovada e explicitamente depende.

5 - A nova versão

Aqui chegados, deveremos apresentar os critérios que presidiram à preparação do nosso texto, uma vez que ele constituiu o objectivo principal do nosso trabalho.

Manifestámos, de início, a intenção de apresentarmos uma transcrição, feita a partir da única cópia quinhentista existente, segundo normas de base internacional, impondo-se, agora, explicitar o sentido destas palavras. Bem sabemos que, na prática, há uma enorme disparidade na forma de transcrever documentos, não faltando os casos de pretensas normas individuais, que até vão evoluindo conforme as circunstâncias, não faltando os exemplos em que se anuncia que se vai seguir uma norma concreta, mas, depois, verifica-se que tal não passou à prática²⁷.

²⁷ Aqui não entramos em linha de conta com as opções no domínio dos estudos linguísticos, que, normalmente, seguem outros critérios.

Seguimos, por isso, as *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, preparadas por Avelino de Jesus da Costa, publicadas em 3.^a edição, pelo Instituto de Paleografia da Faculdade de Letras de Coimbra, em 1993, vindo adrede esclarecer que estas normas constituem uma adaptação ao caso português das normas elaboradas pela *Commission Internationale de Diplomatique*, publicadas em 1984²⁸, após diversos anos de trabalho, tendo como base as regras até então utilizadas na Alemanha, Bélgica, Espanha, Inglaterra, Itália, Polónia e Checoslováquia. À referida adaptação foram acrescentadas as soluções adequadas aos aspectos específicos da língua portuguesa, já fixadas, em 1939, pela Academia Portuguesa da História, ao programar a publicação dos *Documentos Medievais Portugueses*.

Aplicando estas *normas*, respeitaremos ao máximo este documento, que, pela sua importância, como já escrevia Alexandre Herculano, em 1861, «*pertence á história das nações modernas da Europa, e não unicamente a nós, torna-o necessario não só a naturaes, mas também a estrangeiros que hajam de tractar das navegações e descubrimentos dos seculos XV e XVI*»²⁹.

Dentro deste grande princípio do respeito pelo documento:

- além de desdobrarmos todas as abreviaturas, excepto em *hũa* e palavras em cuja composição se integra, como *algũa*, *nenhũa* e respectivos plurais, inclusive quando aparecem escritas com duplo *u*;
- utilizaremos, de forma correcta, maiúsculas e minúsculas, recorrendo às primeiras: no início das frases, nos nomes próprios, *nomina sacra*, antropónimos, topónimos, hidrónimos e nomes dos meses, sendo este um dos casos específicos portugueses;
- normalizaremos também o uso de *u* e *v* e de *i* e *j*, conforme tiverem função de vogal ou consoante, mesmo que tal não seja o caso no exemplar manuscrito da cópia;
- reduziremos a uma as consoantes geminadas iniciais: *ff*, *ll*, *rr* e *ss*;

²⁸ *Diplomatica et Sigilographica. Travaux preliminaires de la Commission Internationale de Diplomatique et de la Commission de Sigilographie pour une normalisation internationale des éditions de documents et un Vocabulaire international de la Diplomatique et de la Sigilographie*, «Folia Caesaraugustana», Zaragoza, Cátedra «Zurita», Institution «Fernando el Católico» (CSIC), 1984, pp.13-93.

²⁹ HERCULANO, A. e PAIVA, Barão do Castelo de - *O. c.*, p.VII.

– empregaremos a pontuação estritamente necessária à clarificação do texto, observando o mesmo critério em relação à acentuação, se em algum caso se tornar indispensável;

– respeitaremos a numeração romana, convertendo, no entanto, em maiúsculas as letras minúsculas com valor numérico, como: *c*, *l*, *x*, *v*, *b*, *i*, *j*, mas respeitaremos o *R* maiúsculo com o valor de 40.

– a abreviatura composta por *It* traçados, que introduz sistematicamente os parágrafos e as enumerações, será desdobrada por *Item*, que apresentaremos em itálico.

Quanto a esta abreviatura, devemos esclarecer que os autores das edições utilizadas para confronto da nossa transcrição agiram de forma diversa: Köpke transformou-a num sinal equivalente ao *caldeirão*, ao passo que Herculano, Fontoura da Costa e Luís Albuquerque omitiram-na sistematicamente. Apesar disso e porque se trata de uma abreviatura por suspensão, constituída pelas duas primeiras letras cortadas da palavra *Item*, consideramos que não a devíamos omitir.

Atendendo a que a cópia do *Roteiro* não possui *subtítulos*, a não ser três, distribuídos pelas fls. 16v, 31 e 33, correspondendo, respectivamente, às páginas 32, 61, 66, o que torna o texto muito denso e cria alguma dificuldade no acompanhamento da descrição desta viagem, decidimos introduzir-lhe algumas sínteses, que poderemos considerar marginais, embora intercaladas no âmbito da mancha da escrita, apresentando-as em itálico e em corpo menor, por vezes acompanhadas de datas expressas nos textos contíguos, sínteses que, de algum modo, suprem a ausência de subtítulos.

Ao longo do texto, surgem alguns casos de palavras indevidamente *repetidas*, de que os autores das edições utilizadas para cotejo dos textos eliminaram sistematicamente uma delas, aliás, desnecessária, mas sem fazerem as devidas anotações. Apesar disso, e porque em tais casos anotaremos, em notas de rodapé, as opções tomadas pelos referidos autores, decidimos conservá-las, no lugar próprio, apresentando a segunda dessas palavras, devidamente assinalada, em itálico e seguida de (*sic*), de forma a não causar qualquer perturbação ao leitor, nem dificuldade de compreensão

das frases a que pertencem. A título de exemplo, veja-se a seguinte passagem da fl. 1v da cópia manuscrita do *Roteiro*: – “E ao outro dia que *que* (*sic*) era quinta feira...”.

Quanto à sinalética utilizada, esclarecemos que recorremos aos colchetes *rectos* [] para as reconstituições e acréscimos, passando a itálico estes últimos e as faltas do próprio original, e aos *angulosos* < > para as entrelinhas superiores e inferiores, reservando aos *curvos* () para explicações por nós introduzidas no texto.

6 - Conclusão

Com estas breves notas introdutórias, cremos ter apresentado aos leitores a dimensão concreta do nosso trabalho sobre esta única fonte, reveladora das vicissitudes da armada de Vasco da Gama, na viagem da descoberta da última etapa do caminho marítimo para a Índia, finalmente, coroada de êxito e, por isso, histórica.

Tratou-se de uma viagem arriscada, complexa e heróica, semeada de tais perigos em terra, que parecem superiores aos do mar.

O relato que nos ficou e agora se apresenta em nova leitura é conhecido há muito, estando liminarmente afastada qualquer intenção de oferecer quaisquer novidades, a não ser a de uma aproximação ao monumento gráfico que a cópia do *Roteiro, Diário ou Relação* desta memorável viagem é em si mesmo, permitindo verificar a que distância da sua versão primitiva as sucessivas actualizações, feitas de costas voltadas para ela, conduziram o seu texto.

A nova transcrição do texto do *Roteiro* e respectivos apêndices marca bem a diferença perante as das quatro edições com ela confrontadas, e não hesitamos afirmar a superioridade do seu grau de fidelidade ao manuscrito da cópia, largamente comprovada pelas divergências patentes nas notas de rodapé, que lhe conferem um valor crítico que nenhuma das outras pode exhibir. É certo que, sobretudo, as edições identificadas pelas letras **A**, **B** e **C** dispõem de um grande número de notas explicativas, mas em relação ao texto estão praticamente desamparadas, pelo que não duvidamos de que esta nova versão será proveitosa aos investigadores da história dos textos e da História.